

**PRETEXTO, CONTEXTO,
HIPERTEXTO, MAIS TEXTO:**
A Disciplina de Libras nas
Licenciaturas de Música a Partir
dos Seus Textos

**PRETEXT, CONTEXT, HYPERTEXT,
MORE TEXT:** Libras' class in music
courses from their texts

Ana Carolina dos Santos Martins¹

Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira"

Email: ana.martins@fames.es.gov.br

Ana Roseli Paes dos Santos²

Universidade Federal do Tocantins

Email: anaroseli@mail.uft.edu.br

Submetido em: 18/04/2023

Aprovado em: 02/06/2023

Resumo

Este artigo tem por objetivo repensar a formação do futuro docente e sua atuação nas salas de aulas com estudantes surdos. A Libras é uma exigência nas licenciaturas porque se compreende que o estabelecimento de uma comunicação funcional com pessoas surdas é determinante para o processo de ensino e aprendizagem, razão pela qual os profissionais da educação devem ser, assim, instrumentalizados com a língua. Para tanto, essa pesquisa se apresenta por meio de uma análise documental, com abordagem qualitativa, realizando um recorte voltado para o exame das bibliografias básicas, definição da disciplina nas ementas e carga horária da disciplina de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Além disso, atentamo-nos também para os objetivos disponibilizados em seus Projetos Pedagógicos Curriculares (PPCs), apresentados na disciplina de Libras dos cursos de Licenciatura em Música das instituições de ensino superior (IES) públicas do Brasil, de modo a oferecer possíveis contribuições a fim de potencializar a prática educacional do futuro professor de música.

Palavras-chave: Educação Musical Especial. Formação Docente. Surdez. Disciplina de Libras.

Abstract

This article aims to reflect on the music teacher's future formation and its practice in the classroom with deaf students. The Libras is a graduation requirement because functional communication with deaf people is essential to the teaching and learning process. For this reason, educational workers must furnish themselves with this language. For realizing this objective, this research is made by a documental analysis with a quality approach, focusing on examining the Libras course's essential bibliographical references, teaching curriculum's definition, and Libras classing course load. Besides, we also explored the objectives presented by Libras' course in its educational programs taken in music courses by Brazilian degree institutions to add more practicing tools to future music teachers.

Keywords: Special Musical Education. Teaching Formation. Deaf People. Libras' Class.

1 Licenciada em Música pela Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira" - FAMES e Pós - graduada (Lato Sensu) em Educação Especial e Libras pelo CESAP. Atualmente é mestranda em Música pela UFSJ, Professora Assistente da FAMES e Presidente do Núcleo de Acessibilidade Educacional e Permanência – NAEP – da instituição. Orcid: 0000-0002-3618-2702

2 Pesquisadora Produtividade do CNPq. Bacharel em Música pela UNICAMP (1996), mestre em Educação pela UNICAMP (2008) e doutora pela Universidade do Minho/Portugal (2014). Atualmente é Professora Adjunta e Coordenadora da Pós-graduação Lato Sensu em Música da UFT. Colaboradora na Pós-graduação em Música da UFSJ. Orcid: 0000-0003-4684-5351

Introdução

Esta pesquisa se dedica a repensar sobre o processo formativo do futuro docente de música e sua atuação em sala de aula com estudantes surdos, a partir de uma análise crítica dos PPCs e de suas propostas de desenvolvimento do conhecimento.

Antes de nos aprofundarmos no tema, importa ressaltar que a pessoa sujeito-foco desta pesquisa será referida de duas formas: a primeira delas é com base em Viviane Louro (2013), que nos diz não ser possível uma pessoa deixar de portar ou ter a qualquer momento uma deficiência, razão pela qual termos como portador de deficiência ou pessoa especial são inadequados. Assim, conforme destaca a autora, a terminologia estabelecida e mais apropriada é pessoa/estudante com deficiência (PCD), em particular para o nosso trabalho, pessoa surda, quando há total comprometimento auditivo, e deficiente auditivo (DA), quando o comprometimento auditivo é parcial e há resquícios de audição (SASSAKI, 2003). Estas definições são importantes não apenas para identificar o sujeito, mas também para aproximar-nos das legislações que são específicas para pessoas com deficiências.

A partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda no Brasil e, a fim de regular a referida Lei, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, versa sobre a obrigatoriedade da Libras como disciplina, ou seja, sendo incluída e ensinada nos cursos de licenciaturas em todo o país. A Lei ainda assegura ao estudante surdo o direito do acesso à educação em Libras, se assim preferir.

O compêndio legal brasileiro é robusto, dessa forma, ainda há vários apontamentos sobre as diretrizes da educação especial, como na LDB nº 9.394/96, que assegura que os estudantes público-alvo da educação especial, de acordo com suas especificidades, tenham acesso a currículo, metodologia e organização que se relacione com sua condição. Também a Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva - PNEPEI (2008) garante a inclusão escolar dos estudantes com deficiência, além de apontar a exigência da formação docente e participação da família e da sociedade.

No caso da educação musical, o marco legal, recente, foi a Lei nº 11.769/2008, que sistematizou o ensino musical nas escolas regulares. Desse modo, a Música tornou-se disciplina ou componente curricular obrigatório de Arte na Educação Básica em todo país. Atualmente, é a Lei nº 13.278/2016 que tem apontado para as diretrizes do componente, trazendo a inserção de outras linguagens artísticas para o espaço escolar, sendo a Música uma delas. Contudo, como pressuposto legislativo, as duas leis afirmam que, independentemente das condições, todos os estudantes devem estar envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem, o que inclui o estudante surdo.

Como **pretexto**³, pode-se apontar uma situação comum às licenciaturas, especialmente no que se refere a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório, onde se evidenciou casos em que estudantes surdos foram retirados das aulas de música, devido à limitação da instituição em compreender que a vivência musical é possível a

3 Cf. Oxford (2022), sinônimo de justificativa, razão e testemunho.

todos. Esse fato nos leva a refletir sobre como os processos, as metodologias e as ações educativas são apresentadas durante a formação docente, pois não é aceitável tratar

[...] o aluno enquanto diferente, 'problema', mas sim [...] discussões sobre a própria forma de organização do ensino regular, proporcionando estratégias construídas em conjunto que possam ser replicadas em outros casos e que beneficiem o acesso de todos ao ensino (LEITE; MARTINS, 2010, p. 364).

Por essa razão, a análise das bibliografias, a compreensão das descrições de suas definições enquanto disciplina, a carga horária de Libras e de seus objetivos explicitados nas ementas se fazem necessárias, porque, mais do que ensinar uma dezena ou centena de sinais, como acontece com a educação surda no Brasil e no mundo, é preciso desenvolver um vocabulário específico para o ensino e aprendizagem da música, além da necessidade de haver um relacionamento próximo com a pessoa surda, pois ela traz sua identidade e cultura construídas a partir do não ouvir. É necessário um fazer docente intencional, ou seja, o estudante surdo precisa ser percebido, compreendido e atendido como estudante, pois, dessa forma, será possível construir e adaptar possibilidades educacionais efetivas, com ganhos pedagógicos para esse estudante, que estão para além dos sinais.

Percurso Metodológico

A fim de melhor conduzir a pesquisa e para dar respostas as questões sobre a disciplina de Libras nos cursos de Música das IES públicas do Brasil, a abordagem metodológica pertinente – ao que inicialmente foi levantado como hipótese – é a qualitativa. Essa abordagem, proporciona ao investigador a reflexão sobre práticas subjetivas comportamentais, sociais e não mensuráveis, e, através da coleta dos dados, obtêm-se respostas diretamente relacionadas com o tempo, local e cultura (MINAYO, 2001, p. 14), ou seja, há a possibilidade de se compreender o contexto⁴ proposto. No entanto, à medida que o estudo se desenvolvia, foi inevitável nos aproximarmos das ideias de Jürgen Habermas, ligadas à sua teoria crítica que implica um olhar analítico sobre os fenômenos, um "saber ver" e um "saber onde ver" (COUTINHO, 2013, p. 21), de modo que as finalidades deste tipo de investigação são emancipar, melhorar, transformar, criticar e identificar mudanças. Assim, como argumenta Coutinho, "analisar os problemas sociais exige abordagens diversificadas que combinem o que de melhor tem para dar cada um dos paradigmas".

Assim, o ponto de partida do percurso metodológico dessa pesquisa foi a coleta dos dados primários, que optamos por realizar no Portal do Ministério da Educação, por ser o órgão regulador e gestor dos processos educacionais brasileiros e refletir a realidade das IES. Ao final da pesquisa inicial, realizada em janeiro de 2023, encontramos 58 (cinquenta e oito) PPCs dos cursos públicos do Brasil de Licenciatura em Música, autorizados e aprovados pelo MEC. Prosseguimos para a segunda etapa da pesquisa, voltada

4 Cf. Oxford (2022), sinônimo de circunstância, situação, cenário.

para uma coleta nos sites oficiais das IES dos Projetos Pedagógicos Curriculares, a fim de extrair, analisar criticamente e compreender os conteúdos ali dispostos.

Tais procedimentos estão de acordo tanto com Gil (2002), que afirma que esta técnica possibilita a descrição dos conteúdos expressos nos documentos, quanto com Lüdke e André (1986, p. 42), para as quais tais processos “culminam na construção de categorias ou tipologias” que são possíveis de serem interpretadas e correlacionadas entre si, salientando que há muito significado implícito contido nos documentos, para além de informações que “cabem” no papel.

Por fim, compreendemos o estudo pela base documental exatamente porque fazemos uso, de forma ampla e intensa, de diversos materiais originais que expressam, além dos quesitos burocráticos, sua conjuntura política, econômica e cultural, os quais, no caso específico desta pesquisa, foram retiradas dos PPCs, das bases bibliográficas, das cargas horárias, da descrição dos exercícios educacionais nas ementas e dos objetivos trabalhados na disciplina de Libras durante a formação dos futuros docentes de música.

Hipertexto

Fundamentado na análise das ementas dos cursos de Licenciatura em Música, foi possível notar graus de similaridades dispostas nos PPCs das disciplinas de Libras ofertadas no Brasil, ainda que a sua aplicação esteja situada em espaços geograficamente distantes e apresentem culturas e necessidades contextuais diferenciadas. Ao todo, foram encontrados 58 (cinquenta e oito) cursos que se encaixaram na delimitação da nossa pesquisa. Contudo, 8 (oito) deles não possuem PPCs disponibilizados e 8 (oito) não apresentam informações detalhadas nas ementas da disciplina, de modo que foram analisados, a rigor, 42 (quarenta e dois) documentos: referências básicas, descrições ementárias e objetivos das disciplinas.

Debruçar-se sobre as Referências Básicas apresentadas pelos cursos nos permite compreender sob quais bases educacionais o processo formativo se constituirá, pois, como o hipertexto⁵, as informações escritas no documento são organizadas de tal maneira que o estudante tem liberdade de escolher vários caminhos, uma vez que as Referências apontadas se apresentam como hipertextos na construção dos saberes, de forma que não há imposição de uma linearidade única e absoluta e o conhecimento é construído no coletivo, culminando em seu aprendizado.

Ao refletir sobre as descrições das ementas da disciplina e seus objetivos dispostos nos PPCs, a totalidade dos documentos revela a necessidade de se compreender a surdez enquanto conceito, quais sejam as suas definições, se promove um rompimento dos estigmas sobre a pessoa com deficiência e qual seja a sua compreensão acerca de identidade, cultura, apontamentos sócio-históricos, antropológicos, pedagógicos e políticos. Destaca-se que o acesso à Libras é uma prática da Educação Inclusiva que pode

5 Cf. Conklin (1987), hipertexto é definido como uma combinação de texto em linguagem natural com a capacidade de pesquisa interativa e exibição dinâmica de um texto não-linear.

dissolver o preconceito estabelecido, pois a ele atrela-se o interesse de compreender as especificidades do estudante surdo e motivar sua busca por estratégias de ensino compatíveis com as suas necessidades.

Nas ementas e nos objetivos ainda são destacados a importância do conhecimento da história da educação de surdos, os aspectos legais da Libras e da educação especial vigentes, os aspectos clínicos da surdez, as características dos órgãos fonoarticulatórios, também sobre o implante coclear (IC) e o aparelho de amplificação sonora individual (AASI) e o reconhecimento da Libras como língua, localizada na mesma posição que as línguas orais, pois, compreendendo que a L1⁶ do surdo é a Libras, ela se torna indispensável em seu processo de escolarização, principalmente no desenvolvimento de sua educação bilíngue, uma vez que se entende a Língua Portuguesa escrita como L2⁷. Também destacamos o direito garantido por lei do acesso ao profissional intérprete na sala de aula, que precisa ser fluente na Libras e não conhecedor das demandas que serão trabalhadas nas especificidades das disciplinas.

Em relação aos elementos apresentados nas ementas e objetivos dos PPCs, também são apontados a necessidade do alfabeto datilológico, a gramática da Libras, a variação linguística, o vocabulário geral e específico da área de atuação, a interpretação e as noções básicas de escrita de sinais (o signwriting⁸), o ensino de língua portuguesa para o surdo e, ainda, em somente dois PPCs distintos, a introdução da Libras em contexto, ou seja, a apresentação da linguagem de sinais⁹ na música e ao manossolfa. Por fim, nota-se que há a compreensão e reflexão sobre as práticas pedagógicas ou, ainda, que se ressalta uma “pedagogia surda”, também conhecida na literatura como “pedagogia da diferença surda”, que, segundo Perlin (2006), “é uma tentativa de emancipação cultural-pedagógica, frente a uma pedagogia que obriga o surdo a se narrar como ouvinte”. Nessa esteira, conclui-se que, para compreender tal demanda estipulada pelos PPCs, urge apresentar esse viés pedagógico aos licenciandos de música a fim de potencializar as suas ações educacionais.

Aqui destacamos, mais uma vez, que esta análise se baseia nos PPCs dos cursos de Licenciatura em Música das instituições públicas do Brasil, que se apresentam potentes em volume de informações sobre a Libras, acerca de sua reflexão como língua, sobre o fazer docente crítico e atuante e pensando sobre a vivência educacional desse estudante. Contudo, embora legalmente tenhamos tais indicadores educacionais, não são realizadas ações propositivas concernentes à disciplina de Música dedicadas aos estudantes surdos na escola formal, e um dos fatores que corrobora para essa ausência é a carga horária dedicada à disciplina durante a graduação, como se vê no quadro 1¹⁰ disposto abaixo:

6 Primeira língua.

7 Segunda língua.

8 A grafia por meio de desenhos, ou seja, é a forma escrita da língua de sinais.

9 Termo utilizado no documento.

10 Todas as informações de todas as tabelas apresentadas foram reunidas e organizadas pelas presentes autoras.

Quadro 1¹¹: Carga horária da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura

30H	34H	36H	40H	45H	51H	54H	60H			64H	68H	72H	90H
UEMG	UFBA	UDESC	IFPE	UEFS	UEPG	IFG	FAMES	UERN	UFT	UFC	UEM	UFSJ	UNICAMP
UNESP	UNESPAR		UEPA	UEAP	UFMS		UFMS	IFSERTÃO	UNEB	UFMT			
UFSCAR			IFF				UFRR	IFCE	UFJF	UFCA			
UFRGS							UFPE	UFRN	UFES				
UEL							UNIPAM-PA	UFMG	UFMA				
							UFRO	UFPI	UFU				
							UFOP	UERGS	UFAM				
							UFPR	UFPEL					

A Libras é uma disciplina que se propõe a ensinar a comunicação autônoma dos futuros docentes com os seus estudantes surdos, mas não há como apresentar fluidez e domínio linguístico sem um exercício contínuo da língua e, em todas as instituições analisadas, a disciplina é ofertada em um único período, não havendo, no decorrer no curso, nenhuma relação entre o ensino musical e o estudante surdo.

Na atualidade, é contraproducente pensar em uma sala de aula em que as diferenças não sejam uma realidade e, ainda que soe “dissonante”, o estudante surdo não é inapto para o fazer musical, mas é preciso considerar o fato de não ouvir para que a construção dos processos educacionais seja coerente com a condição desses estudantes. No entanto, se a formação inicial do professor se faz nas universidades e nas faculdades, é preciso que esses espaços promovam conhecimento teórico e prático voltados para esse fim desde o nível de graduação.

Na pesquisa realizada em janeiro de 2023, em buscas nos sites oficiais das IES onde nos aproximamos das unidades apontadas para análise, foram encontradas 53 (cinquenta e três) referências bibliográficas, conquanto que as informações das demais instituições não estivessem disponibilizadas. No quadro abaixo, as referências bibliográficas seguem citadas com o mesmo padrão/formato em que estão disponibilizadas nos PPCs, a fim de termos menos interferências na seleção. Frisamos ainda que, conforme apresenta o quadro 2 disposto abaixo, às obras apontadas mais de uma vez e com mais de uma edição, optamos por destacar e analisar somente a edição mais recente, por entender que esta expressa o atual interesse do autor sobre o tema.

11 Na tabela acima, dispomos a carga horária da disciplina de Libras em 45 (quarenta e cinco) centros educacionais, o que diverge da informação do número total das IES analisadas, mas tais informações foram retiradas das Matrizes Curriculares disponibilizadas em seus sites oficiais e, 3 (três) delas, não oferecem mais informações sobre o curso. Apesar de entendemos ser uma informação relevante, isso não compromete a qualidade dessa pesquisa.

Quadro 2: Lista das Referências Básicas dos cursos analisados

	Referências:	Assuntos:
1	Almeida, E. C. De. Atividades Ilustradas em Sinais da Libras . Rio de Janeiro: Revinter, 2004. Felipe, T. Libras em Contexto . Recife: Edupe, 2002.	1. Atividades Ilustradas 2. Sinais da Libras 3. Fonoaudiologia
2	BONINO, R. Os sotaques dos sinais. In: Revista língua portuguesa . Ano II, Nº 25, 2007.	1. Os sotaques dos sinais 2. Inclusão 3. Currículos 4. Empregos 5. Vagas 6. Lei 7. Contratação 8. Deficientes 9. Pessoas com deficiência 10. Mercado de trabalho 11. Multa de empresa que não cumpre lei de cotas 12. Lei de cotas 8213
3	BOTELHO, P. Surdos oralizados e identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). Atualidades da educação bilíngue para surdos . Porto Alegre: Mediação, 1999.	1. <u>Língua Brasileira de Sinais</u> 2. <u>Surdez</u> 3. <u>Aquisição de linguagem</u>
4	BOTELHO, P. Linguagem e letramento na educação de surdos: ideologias e práticas pedagógicas . Coleção trajetória, vol. 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.	1. <u>Alfabetização e Letramento</u> 2. <u>Educação</u>
5	BRASIL. MEC/SEESP. Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais . Série Atualidades Pedagógicas. Caderno 3. Brasília, 1997.	1. Deficiência Auditiva
6	BRASIL, Secretaria de Educação Especial. LIBRAS em Contexto . Brasília: SEESP, 1998.	1. Adequação curricular do curso de Pedagogia em atendimento à Deliberação CEE nº 111/12, alterada pela Deliberação CEE nº 54/2017.
7	BRASIL. LEI Nº 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000.	1. Lei 2. Acessibilidade
8	BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.	1. Lei 2. Reconhecimento da língua

9	BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Lei 2. Garantia de educação à pessoa surda ou com deficiência auditiva
10	BRASIL, Ministério da Educação e Cultura do. Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais . Brasília: MEC, 1997. ENCICLOPÉDIA da Língua de Sinais Brasileira o mundo do surdo em libras . São Paulo: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, 2009.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação especial 2. Educação dos surdos 3. Ensino da língua portuguesa
11	BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de Língua de Sinais . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Língua Brasileira de Sinais
12	CALDAS, Ana Luiza Paganelli. A língua de sinais e os sons: uma apreciação estética. In: Pedagogia da música: experiências de apreciação musical . 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pessoa surda 2. Musicalidade 3. Desenvolvimento humano 4. Educação musical 5. Teoria histórico-cultural
13	CAPOVILLA, F.C. et al. A Língua Brasileira de Sinais e sua iconicidade: análises experimentais computadorizadas de caso único. Ciência Cognitiva , v.1 (2), 1997, p. 781-924.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Surdez 2. Sistema de comunicação (psicologia) 3. Psicologia experimental
14	CAPOVILLA, F.C. et al. Manual Ilustrado de Sinais e Sistema de Comunicação em Rede para Surdos . São Paulo: Ed. Instituto de Psicologia, USP, 1998.	<ol style="list-style-type: none"> 1. <u>Sistema de comunicação (psicologia)</u> 2. <u>Surdez</u>
15	CAPOVILLA, Fernando. C; RAPHAEL, Walkyria. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais . 3a Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dicionário 2. Sinais em Libras
16	CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O Mundo do Surdo em Libras . Volume 1: Sinais das Libras e o universo da educação; e como avaliar o desenvolvimento da competência de leitura de palavras (processos de reconhecimento e decodificação) em escolares surdos do Ensino Fundamental ao Médio. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 2004.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dicionário 2. Sinais em Libras
18	CASTRO, Alberto Rainha de; CARVALHO, Ilza Silva de. Comunicação por Língua Brasileira de Sinais . 3. ed. Brasília: SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, 2009.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sinais em Libras

19	COUTINHO, Denise. Libras e Língua Portuguesa: semelhanças e diferenças. Rio de Janeiro: João Pessoa Editor/Arpoador, 2000.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Língua Brasileira de Sinais 2. Língua de sinais – Legislação 3. Língua de sinais – informações técnicas 4. Língua de sinais – Comunicação
20	DEMO, Pedro. Participação é conquista: Noções de política social participativa. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.	<ol style="list-style-type: none"> 1. <u>Direitos Civis</u> 2. <u>Participação da Comunidade</u> 3. <u>Política Pública</u> 4. <u>Comunismo</u> 5. <u>Democracia</u> 6. <u>Planejamento Participativo</u> 7. <u>Sociologia</u>
21	FELIPE, Tanya. LIBRAS em contexto: curso básico (livro do estudante). 2.ed. ver: MEC/SEESP/FNDE. Vol I e II. Kit: livro e fitas de vídeo.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Linguística Aplicada 2. Língua de Sinais 3. Educação de Surdos 4. Língua Brasileira de Sinais
22	FELIPE, Tanya; MONTEIRO, M. S. LIBRAS em contexto. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adequação Curricular à Del. CEE nº 111/2012 – Licenciatura em Letras
23	FERNADES, Eulália. Linguagem e Surdez. Porto Alegre: Artmed, 2003.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aluno Surdo 2. Bilíngue 3. Inclusão 4. Libras
24	GESSER, A. LIBRAS? Que língua e essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Linguagem
25	GESSER, Audrei. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola, 2012.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ciências Humanas e Sociais 2. Pedagogia
26	GESUELI, Z. M. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. Educação e Sociedade , Campinas, v. 27, n. 94, 2006, p. 277-292.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Linguagem 2. Surdez 3. Identidade 4. Língua de sinais
27	GÓES, M.C.R. Linguagem, surdez e educação. Campinas: Autores Associados. 1996.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Surdez 2. Língua de sinais 3. Brincar

28	GOLDSFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista . 2 ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.	1. Problemas de audição 2. Surdez
29	GOULART, Iris Barbosa. Psicologia da educação: Fundamentos teóricos aplicados à prática pedagógica . 21ª edição. Petrópolis: Vozes, 2015.	1. Psicologia 2. Educação
30	HONORA, Marcia; FRIZANCO, Lopes Esteves. Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez . São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.	1. Ciências Humanas e Sociais 2. Pedagogia
31	ILARI, B. S; MATEIRO, T. A. N. Pedagogias em Educação Musical . Curitiba: IBPEX, 2011.	1. Música – Estudo e ensino 2. Música na educação 3. Música na educação – Aspectos psicológicos 4. Pedagogia
32	INES. O Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES e a Educação de Surdos no Brasil. Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos , v. 02, 2008.	1. Instituto Nacional de Educação de Surdos (Brasil) 2. Educação de surdos Brasil.
33	KARNOPP, L.B. Aquisição fonológica nas línguas de sinais. Letras de Hoje , v. 32, n. 4, 1997, p. 147-162.	1. Letras/Linguística
34	KLIMA, E. & U. Bellugi. The Signs of Language . Cambridge/Mass: Harvard University Press, 1979. LIDDELL, S. Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language . Cambridge: Cambridge University Press, 2003. MAIA, M.E. No Reino da Fala: A Linguagem e seus Sons . 3.ª ed. São Paulo: Ática, Série Fundamentos, 1991.	1. Sign language ¹² 2. Manual communication ¹³
35	LABORIT, Emmanuelle. O Vôo da Gaivota . 1994.	1. Literatura e Arte 2. Biografia 3. Autobiografia 4. Depoimento 5. Surdez
36	LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013.	1. Educação 2. Pedagogia

12 Linguagem de sinais (tradução da autora).

13 Manual de comunicação (tradução da autora).

37	LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.S; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L.F.S. dos (orgs.). Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EDUFSCar, 2013. p. 185-200.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Inclusão 2. Ensino para surdo 3. Ensino tecnológico para surdos
38	LANE, Harlan L. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.	O material não declara.
39	LODI, A. C. B. et al (orgs). Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação especial 2. Letramento 3. Surdo
40	MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2ª ed. 2006.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Inclusão escolar 2. Pedagogia
41	MOURA, Maria Cecília de. O surdo: caminhos para nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.	O material não declara.
42	PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-7.	O material não declara.
43	QUADROS, R. M. de. Educação de Surdos: A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	1. Linguística
44	QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodernir Becker. Línguas de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Línguas de sinais brasileira 2. Estudos linguísticos
45	QUADROS, Ronice Müller De. O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, 2004.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Língua de sinais 2. Professor intérprete
46	QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L. P. Ideias para ensinar português para surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação de surdos 2. Ensino da língua portuguesa
47	SÁ, Nídia Regina Limeira de. Educação de surdos: a caminho do bilinguismo. Niterói: EDUFF, 1999.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Bilinguismo 2. Educação de surdos 3. Língua de Sinais 4. Língua Portuguesa
48	SÁ, Nídia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: EDUA, 2002.	O material não declara.

49	SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria (orgs.). Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidade. São Paulo: Plexus Editora, 2003.	O material não declara.
50	SILVA, Lídia da. Língua Brasileira de Sinais - Libras. 2. ed. Curitiba: Fael, 2012.	O material não declara.
51	SKLIAR, Carlos (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. 3ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.	1. Surdez 2. Estudos surdos
52	STROBEL, Karin Lilian. Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais. Curitiba: SEED (organizadora) / SUED/DEE, 1998.	1. Linguagem de Sinais 2. Libras
53	THOMA, Adriana da Silva; LOPES, M. C. (orgs.). A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.	1. Educação Especial 2. Letramento 3. Língua Brasileira de Sinais 4. Surdo (educação)

Sobre a análise realizada, foram encontradas 51 (cinquenta e uma) obras que estão diretamente relacionadas com: os sinais da língua, parâmetros da Libras, a surdez, deficiência auditiva e a pessoa surda, identidade e cultura surdas, dicionários, legislação vigente, educação especial, inclusão, acessibilidade, educação de surdos, bilinguismo, letramento e alfabetização de surdos e atuação do professor intérprete na sala de aula. Dentro das temáticas apresentadas, os autores e suas obras mais citados foram: o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais*, de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael; *Educação de Surdos: A aquisição da linguagem*, de Ronice Müller de Quadros; e *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*, de Audrei GESSER. Estas obras foram encontradas quase que na totalidade dos documentos analisados.

Uma outra referência não mencionada acima e que está diretamente relacionada com o exercício musical é o livro *A língua de sinais e os sons: uma apreciação estética*, da Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Paganelli Caldas, obra indicada no PPC da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, importante por apresentar as possibilidades de percepção dos processos artísticos da Libras e dos sons dedicados à pessoa com surdez. Para a autora, a pessoa surda e a Libras tem completa possibilidade de se relacionar com a música, seja por sua condução rítmica para construção das ideias na interpretação, pela boa utilização dos elementos da gramática da Libras e pelas escolhas mais potentes na cadência dos sinais para expressar o que a melodia da música apresenta, como as repetições, as rimas e a intensidade, por exemplo. Para além dessa questão, Caldas (2016) afirma que há a possibilidade da compreensão estética de uma produção sonora pelo surdo, pois sua relação se faz em outros espaços e não somente pelo som.

No PPC da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, é indicado como leitura básica o livro *Pedagogias em Educação Musical*, organizados pela Prof.^a Dr.^a Beatriz Ilari

e pela Prof.^a Dr.^a Teresa Mateiro, um material utilizado de forma recorrente nas Licenciaturas em Música do Brasil por se dedicar a apresentar 10 (dez) propostas pedagógicas em Educação Musical de importante contribuição para a formação dos processos educacionais que vivenciamos na atualidade. Os educadores musicais selecionados apresentam, por meio das narrativas construídas por vários autores, vivências e experiências com a música, fomentadas por base diversas: prática do canto, composição, experimentação sonora, exercício prático-musical por meio de instrumento, espaços sonoros formais e informais, escrita musical não convencional, desenvolvimento de uma musicalidade integral entre outras importantes contribuições. Entretanto, todas as pedagogias apresentadas, não foram criadas para a pessoa com deficiência, razão pela qual, em sua maioria, necessitam de adaptações para se concretizarem na realidade e na vivência do estudante surdo em sala de aula.

Para além do acesso ao escasso material musical descrito nos documentos, os objetivos dos PPCs nos fazem refletir também sobre a falta de compreensão acerca de alguns processos músico-educacionais, pois, ao demonstrarem interesse em trabalhar com a introdução à linguagem de sinais na música e ao manossolfa, mais uma vez se reforça o acesso comunicacional e não o fazer musical. Como afirma Sacks (1997, p. 202), faz pouco sentido ao estudante surdo saber nomes e sinais correlacionados aos sons, sendo preciso motivá-lo musicalmente a partir do que ele tem preservado, ou seja, uma aula de música para uma pessoa surda precisa ser tátil, visual e vibrotátil. A estética musical e os processos artísticos precisam ser secundários, e aqui reforçamos que, ao utilizarmos o termo secundário, não menosprezamos ou invalidamos esses quesitos, mas dizemos que os processos musicais com um estudante surdo se revelam em aspectos diferenciados.

Já a massolfa (1974 apud FONTERRADA, 2005), destacada como uma metodologia favorável ao estudante surdo e apresentada em um dos PPCs da disciplina de Libras, é, na verdade, uma técnica de solfejo desenvolvida pelo educador musical Zoltán Kodály, que a partir do "Dó Móvel" (SZÖNYI, 1996) se utiliza de movimentos manuais previamente conhecidos e associados a determinados graus da escala (altura). A técnica estabelece também a duração (tempo) de cada uma das notas da melodia. Embora seja compreendida a eficácia da manossolfa no fazer musical melódico, aproximando-se da Libras pela questão dos movimentos manuais, elas são, porém, distantes em suas proposições. O som que faz música para a pessoa surda é o som que vibra vindo da voz cantada, compreendida como uma onda mecânica e que, embora produza vibração, é em menor frequência, desfavorecendo a sua percepção pelo surdo. Ou seja, seria necessária uma referência tátil para esse estudante, pois, longe do toque, não há possibilidade de estabelecer relação com sua condição, e ainda, a menção sonora precisaria ser fixa para, a partir do reforço e estímulo, gerar apropriação do conhecimento (BANDURA, 1997), o que se distanciaria da proposta musical do educador de se flexibilizar as referências sonoras.

Após analisar os documentos dos cursos, suas indicações bibliográficas e suas especificações, é notória a dedicação das instituições em oportunizar o desenvolvimento linguístico dos futuros docentes, ainda que se perceba, claramente, que não há relação entre o ensino musical desse professor e a aprendizagem de seus estudantes

surdos. É preciso ser sensível, flexível e respeitoso para se conectar com as necessidades dos seus estudantes.

Proposições

Entendendo a necessidade de potencializar o exercício docente do futuro professor de música e sua atuação junto aos estudantes surdos na escola, faz-se necessário organizar os conteúdos propostos no curso, a fim de equilibrar e fundamentar sua práxis. No caso da Libras e em vista do estudante surdo, urge munir o professor, de forma continuada, de teorias, de práticas pedagógicas e da língua de sinais para que ele seja capaz de fazer escolhas metodológicas que contribuam com a aprendizagem e sejam responsáveis pelos saberes estabelecidos para a escola. Por fim, reforçamos, mais uma vez, a necessidade de desenvolver um vocabulário específico para o ensino e aprendizagem da música.

Portanto, propõe-se:

- Ampliar a carga horária de Libras na graduação, para que seja possível inserir uma Bibliografia que sustente o fazer docente, pois, segundo Mercado,

[...] o total de horas proposto para o desenvolvimento de todos esses saberes não permite ao professor em formação conhecimentos satisfatórios para entender língua, a cultura, as necessidades e especificidades do aluno surdo em seu processo de aprendizagem, a fim de que ocorra, satisfatoriamente, a interação professor/aluno surdo (MERCADO, 2012, p. 70).

- Vivenciar o exercício docente da música com o estudante surdo, pois, com base no artigo *A inclusão escolar de alunos surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência*, de Lacerda, o relato de experiência narrado pelos docentes sobre suas vivências educacionais atesta que

[...] as aulas transcorrem normalmente; que as presenças do aluno surdo e intérprete são facilmente assimiladas na rotina escolar; e que percebem um bom relacionamento entre os alunos e um bom rendimento geral do aluno surdo. Todavia, uma análise mais atenta do mesmo material revela paradoxalmente a falta de preparação para esta prática, desinformação geral acerca do argumento surdez e suas peculiaridades (LACERDA, 2016, p. 171).

Por expressar a falta de preparação da comunidade escolar, destacamos a necessidade dessa vivência durante o processo formativo, pois a práxis corrobora para instrumentalizar o futuro docente em seu fazer autônomo.

- Potencializar as vivências musicais por meio de processos vibrotáteis, haja vista que se compreende que a condição do estudante surdo não é limitante para o seu fazer musical, mas que se revela de forma diferente, razão pela qual é preciso potencializar uma experiência com uma música que vibra (EZAWA, 1988; RUSSO, AMMIRANTE & FELS, 2012; GOOD, REED & RUSSO, 2014; CAICEDO, 2021).

- Proporcionar experiências musicais intencionais, desenvolvendo um vocabulário específico para o ensino e aprendizagem da música e utilizando interpretação da Libras para canções trabalhadas. Por compreendemos a concepção da arte e estética musical

como não unicamente sonoras e a sua construção enquanto linguagem, destacamos a necessidade do estudante surdo e do futuro docente de se apropriarem de competências que precisam ser vividas nas práticas pedagógicas da graduação (ZABALZA, 1994, p.10), para além do exercício constante da comunicação em Libras, que potencializa a fluidez.

Considerações Finais

A disciplina de Libras nas Licenciaturas de Música, a partir dos seus textos, necessita colaborar para dar visibilidade à existência da pessoa com deficiência na escola e na sociedade, devendo nos levar à compreensão de que não basta somente sabermos quem eles são e o número deles nas instituições ou na população. Segundo informações disponibilizadas pelo site do Governo Federal Brasileiro, durante o Censo de 2010 elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui, aproximadamente, 5% de sua população composta por cidadãos comprometidos com algum nível de surdez, ou seja, com base neste último censo, são quase 10 milhões de brasileiros que vivem nesta condição. É urgente pensarmos no atendimento eficiente e específico para um contingente que convive conosco.

A pessoa com deficiência é uma realidade nas salas de aula, ao contrário do que expressa o senso comum, e as diferenças nos obrigam a repensar ações educacionais específicas, pois as adaptações, reforços e construções didático-pedagógicas para a aproximação do estudante surdo com o fazer musical precisa de uma orientação e formação sólida dos futuros docentes. Desta maneira, não apenas o estudante surdo se beneficia de um atendimento equânime e democrático, que tende a colaborar com o saber de toda a turma, mas também seus futuros professores.

Segundo Vigotsky (1989), o relacionamento potencializa o saber e, exatamente por esse motivo, é que mais do que documentos normativos, precisamos nos envolver com o sujeito motriz do processo educacional - o estudante. Muitas vezes as propostas apontadas nos PPCs, suas ementas e bibliografias não saem do papel. São apenas **mais textos**. É premente uma formação humanizadora e educacionalmente responsável com os futuros docentes, pois a sociedade é heterogênea e a pessoa com deficiência, algumas vezes, precisa de condições de ensino, por meio diferentes, que leve ao aprendizado.

Referências

BANDURA, Albert. **Self-efficacy**: The exercise of control. New York: W. H. Freeman and Company, 1997.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário oficial da União, seção 1, Brasília, DF, ano 131, n. 248, p. 1-289, 23 dez. 1996

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília: Presidência

da República, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 14 de fev. de 2023.

BRASIL. Lei n.º 11.769, de 18 de agosto de 2008. **Altera a Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.** Diário Oficial da União, Brasília, 19 ago. 2008, seção 1, p.1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm. Acesso em: 14 de fev. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva.** 2008. Diário oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso: 18 de abr. 2023.

BRASIL. Lei n. 13.278, de 02 de maio de 2016. **Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.** Brasília, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm . Acesso em: 14 de fev. de 2023.

BRASIL. MEC. Decreto n. 5.626 - **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000 Brasília, 2005.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em: 14 de fev. de 2023.

CAICEDO, Liliana Elizabeth Otero et al. La música que des-cubre el silencio: Pedagogías decoloniales para la educación musical de personas sordas. **Calle 14 revista de investigación en el campo del arte**, v. 16, n. 29, p. 118-127, 2021.

CONKLIN, Jeff. Hypertext: an introduction and survey. **Computer**, v. 20, n. 9, p. 17-41, 1987.

COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas:** teoria e prática. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2013.

EZAWA, M. Rhythm perception equipment for skin vibratory stimulation. **IEEE engineering in medicine and biology magazine:** the quarterly magazine of the Engineering in Medicine & Biology Society, v. 7, n. 3, p. 30–34, 1988.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação,** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GOOD, A., REED, M. J., & RUSSO, F. A. Compensatory plasticity in the deaf brain: effects on perception of music. **Brain sciences**, v. 4, n. 4, 2014, p. 560–574.

GOV.BR **Busca pelo termo "Pessoa Surda"** Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/>

[search?SearchableText=pessoa%20surda](#). Acesso em: 15 de fev. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14 mar. de 2023.

LEITE, Lucia; MARTINS, Sandra Eli. Adequação curricular: alternativas de suporte pedagógico na Educação Inclusiva. **Revista Educação Especial**, vol. 23, núm. 38, septiembre-diciembre, pp. 357-367, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313127410003>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

LOURO, Viviane. **Educação musical e deficiência**: quebrando os preconceitos. Site da autora. 2013a. Disponível em: https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2013/06/educacao_musical_e_deficiencia_quebrando_os_preconceitos.pdf. Acesso em 14 de fev. de 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, 1986.

MERCADO, E.A. O significado e implicações da inserção de libras na matriz curricular do curso de pedagogia. In: ALBRES, N. A. (Org.) **Libras em estudo**: ensino aprendizagem. São Paulo: FENEIS, 2012.

MINAYO, Maria C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

OXFORD Dictionary. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=contexto+significado>. Acesso em: 27 mar. 2023.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). **ETD - Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, 2006, p. 136-147. Disponível em: <https://nbn-esolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101659>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

PORTAL do Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acessado em: 04 de jan. de 2023.

RUSSO, F. A., AMMIRANTE, P., & FELS, D. I. Vibrotactile discrimination of

musical timbre. Journal of experimental psychology. **Human perception and performance**, v. 38, n. 4, p. 822–826, 2012.

SACKS, Oliver. Rebecca. In: **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu**. São Paulo: Companhia da Letras, p.198-206, 1997.

SASSAKI, Romeu K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: VIVARTA, Veet (coord.). **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi/Fundação Banco do Brasil, p. 9, 2003.

SZÖNYI, Erzsébet. **A Educação Musical na Hungria através do método Kodály**. Tradução de Marli Batista Ávila. São Paulo: Sociedade Kodály do Brasil, 1996.

VIGOTSKY, Lev S. et al. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZABALZA, Miguel Ángel. **Diários de Aula**. Portugal: Porto Editora LTDA, 1994.